



“Salvemos o Brasil da heresia”: analisando os discursos sobre os pentecostais na *Revista Eclesiástica Brasileira* (1941-1971)

“Salvemos o Brasil da heresia”: analyzing the discourses about pentecostals in the *Revista Eclesiástica Brasileira* (1941-1971)

Augusto Diehl Guedes
Mestrando em História
Universidade Passo Fundo
augustodguedes@hotmail.com

Recebido em: 02/11/2017

Aprovado em: 30/11/2017

Resumo: No presente, o Brasil apresenta-se como um referencial do pentecostalismo no mundo, dado principalmente pela presença de inúmeras igrejas e fiéis. O crescimento destes grupos, que se deu principalmente a partir de meados do século XX, (re)configuraram o campo religioso brasileiro. Diante disso, nos perguntamos como o catolicismo romano, matriz religiosa com destaque no país, se posicionou diante da expansão e consolidação de tais igrejas. Assim, nos propomos a analisar os discursos de agentes do clero católico nacional veiculados pela *Revista Eclesiástica Brasileira* entre 1941-1971, período de sua fundação, até o final de seu segundo período editorial. A escolha desta fonte dá-se pelo fato de a revista ter-se apresentado como um meio fundamental para a (in)formação e a comunicação de sacerdotes católicos dispersos pelo território brasileiro. Para tal, mobilizamos algumas questões referentes à análise do discurso, com o fim de compreendermos estas dinâmicas que permearam as relações entre catolicismo e pentecostalismo.

Palavras-chave: Catolicismo, Pentecostalismo, *Revista Eclesiástica Brasileira*.

Abstract: At present, Brazil presents itself as a referential of Pentecostalism in the world, mainly due to the presence of countless churches and faithful. The increase of these groups, which occurred mainly from the mid-twentieth century, (re)configured the Brazilian religious field. In view of that, we ask how Roman Catholicism, a religious matrix with prominence in the country, positioned itself before the expansion and consolidation of these churches. Thus, we propose to analyze the discourses of agents of the national catholic clergy advertised by the *Revista Eclesiástica Brasileira* between 1941-1971, period of its foundation until the end of its second editorial period. The choice of this historical source is due to the fact that the magazine has presented itself as a fundamental means for the (in)formation and communication of catholic priests dispersed throughout Brazilian territory. For that purpose, we have mobilized some questions related to discourse analysis, in order to understand these dynamics that permeated the relations between Catholicism and Pentecostalism.

Keywords: Catholicism, Pentecostalism, *Revista Eclesiástica Brasileira*.



Considerações iniciais

Lançando olhares sobre o campo religioso brasileiro nos deparamos com seu caráter plural, um campo compósito por diversas matrizes que se instalaram e configuraram nestas terras novas formas de crer e agir sobre o mundo. Desde as múltiplas nações indígenas que aqui estavam, ao acréscimo do catolicismo ibérico que vem na companhia do colonizador, juntamente do judaísmo, dos protestantes das mais diversas denominações, os africanos que para cá foram trazidos a força, o espiritismo e tantas outras matrizes nos evidenciam essa pluralidade latente.

Posta esta complexidade religiosa, compreendemos que a dinâmica deste campo religioso está configurada como um espaço de disputas e relações de poder (BOURDIEU, 2007, p.58). Desta forma entendemos que, como os demais campos (político, econômico, social), o campo religioso é marcado pela disputa do mercado religioso, que por sua vez consiste na oferta de bens de salvação pelos agentes religiosos. Esses agentes religiosos são pessoas encarregadas da produção desses bens de salvação (padres, pastores, pais de santo, rabinos, entre outros) e buscam ampliar sua atuação sobre o campo, pretendendo sua total dominação.

Assim sendo, buscamos em nosso trabalho compreender qual a postura adotada pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) diante do crescimento e dispersão das igrejas pentecostais pelo Brasil. Para isso tomamos a *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB) como nossa fonte, uma vez que a mesma apresenta-se como um importante meio de (in)formação e comunicação do clero católico nacional. Nosso recorte, entre os anos 1941-1971, deve-se ao fato do início da veiculação de revista, bem como o final de seu segundo período editorial, o que se dá concomitantemente a um silenciamento sobre a temática na revista a partir de 1973.¹

Para nos ajudar em nossa leitura, partimos do referencial de Eni Orlandi (1996, 2009) sobre Análise do Discurso, com algumas considerações de Michel Foucault (2002). Também nos pautamos nos estudos de François Hartog (2014) e de Roger Chartier (1991) sobre a questão das representações, da construção do Outro e de suas implicações pragmáticas.

Algumas considerações acerca do campo religioso brasileiro: um olhar sobre católicos e pentecostais no século XX

Dirigindo-nos para a compreensão das duas matrizes por nós analisadas no cenário brasileiro em questão, entendemos que o contexto no qual se insere a ICAR a partir de 1930 fora marcado por algumas questões. Inicialmente tivemos a declaração do Papa Pio XI que tornou

¹ O presente artigo é resultado de nosso trabalho GUEDES, Augusto Diehl. **“O Brasil vai para a heresia”**: os discursos católicos sobre o pentecostalismo na *Revista Eclesiástica Brasileira* (1941-1972). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2016.



Nossa Senhora Aparecida como a Padroeira do Brasil (1930) e a construção da estátua do Cristo Redentor (1930). Para a inauguração, 45 bispos de diversas regiões do país se reuniram no Corcovado. Aproveitando-se da ocasião, Dom Sebastião Leme (1882-1942), arcebispo do Rio de Janeiro, juntamente com os demais bispos, entregou ao presidente Getúlio Vargas uma lista com as reivindicações do Episcopado ante a uma nova constituição. Isso representava, naquele cenário, a aproximação do Episcopado perante o governo para a discussão do estatuto da ICAR dentro da nação (BEOZZO, 2007, p.362-367).

Ainda, neste quadro, a atuação católica na política se manifestou através da criação da Liga Eleitoral Católica (LEC), em 1932, com o intuito de lutar pelos interesses do catolicismo no país com pautas como a indissolução do matrimônio, o ensino religioso nas escolas e a capelania nas forças armadas. Para dar sequência ao trabalho da LEC após 1934, criou-se a Ação Católica Brasileira, um veículo de ação permanente composta por leigos católicos com estrutura nacional (BEOZZO, 2007, p.397).

Em julho de 1939 realizou-se o Concílio Plenário Brasileiro. O Episcopado Brasileiro, pela primeira vez na história, reuniu-se para tratar dos problemas enfrentados pelo catolicismo no país. Desta feita, o Concílio representa não somente o reconhecimento da importância da ICAR no Brasil pela Santa Sé, como também a união e convergência dos esforços para uma maior atuação a nível nacional. A partir dos debates travados, foram criadas três comissões para trabalharem os seguintes temas: o protestantismo, o espiritismo e a questão social (BEOZZO, 2007, p.408).

Foi neste contexto, percebendo a necessidade de um maior vínculo entre os membros do clero nacional, que em 1941 a *Revista Eclesiástica Brasileira* foi fundada pela Editora Vozes, vinculada a Ordem dos Franciscanos, em Petrópolis/RJ. Seu propósito era ser uma revista que possibilitasse a comunicação entre a instituição, Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), e seus clérigos, e que conseguisse alcançar a maior parte dos sacerdotes, teólogos, professores e lideranças do clero no Brasil.

A esse respeito, o lema escolhido para representar o periódico: “revista do clero, feita pelo clero, para o clero” (REB, 1941, p. 03) nos aponta para a proposta deste veículo inicialmente, ao passo que também nos direciona para as necessidades sentidas pelo clero nacional: a falta de unidade e articulação da ICAR a nível nacional, ao que se soma o incentivo à produção intelectual dos clérigos e novas leituras da realidade religiosa brasileira. Posteriormente, o público alvo fora ampliado, atingindo também agentes de pastoral, líderes comunitários, estudantes e público em geral.



A REB teve em sua condução dois redatores no período estudado. Primeiramente, com Frei Tomás Borgmeier (1941-1952), quando se deu o período de “consolidação do periódico como principal órgão teológico do clero nacional (SCHLENKER, 2016, p.2414). Borgmeier teve apoio de importantes membros do Episcopado Brasileiro, como o Cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra e de Dom José Gaspar d’Afonsecae Silva, o que permitiu maior visibilidade da revista no cenário brasileiro (ANDRADE, 2012, p. 70). Sua saída da Revista teria se dado por “motivos pessoais”, querendo se dedicar com mais afinco aos estudos da entomologia. Dando continuidade aos trabalhos realizados na editoria da REB, assumiu Frei Boaventura Kloppenburg. Esse foi o redator entre os anos de 1953 e 1971.

Salientamos que apesar da REB não configurar-se como “porta-voz da CNBB”, era reconhecida pela mesma como o órgão oficial da ICAR no país, o que confere importância e autoridade àquilo que a mesma veiculava (CABRAL, 2015, p. 43).

Ao final de sua gestão, Frei Kloppenburg dividiu a direção da revista, entre os anos de 1970 e 1971, com o Frei Leonardo Boff. A saída de Kloppenburg se deu, segundo os registros, pelos embates travados neste período com seu colega de editoração. Isso se deve ao fato de que Kloppenburg e seu conservadorismo eram contrários à postura da Teologia da Libertação defendida por Leonardo Boff.

Voltando-nos para o cenário católico percebemos que a década de 1950 foi marcada também pela criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em outubro de 1952. Nessa perspectiva, houve a preocupação do Vaticano, por meio do Monsenhor Giovanni Montini (futuro Papa Paulo VI – 1963-1978) em promover uma instituição que fosse capaz de ampliar a influência católica no país (KORNIS; MONTALVÃO, 2001, p. 1526).

No âmbito de América Latina destacamos a fundação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em 1955, que teria possibilitado uma “tomada de consciência” por parte do episcopado acerca dos problemas da sociedade latino-americana (PIERRARD, 1982, p. 268). A Conferência apontou os pretensos quatro maiores inimigos do catolicismo na América Latina: o protestantismo, o comunismo, o espiritismo e a maçonaria. Nessa conjuntura de preocupação com a América Latina e com o Brasil, o Papa João XXIII criou no Brasil 32 dioceses e seis províncias eclesiásticas, bem como nomeou 67 novos bispos (SOFIATI, 2016, p. 127).

O Concílio Vaticano II (1962-1965), que se destacou pelas reformas que trouxe à ICAR (missas em línguas vernáculas, a leitura da Bíblia pelos leigos, a questão do ecumenismo), colaborou para a consolidação da prática ecumênica da CNBB. Beozzo apresenta que este foi o primeiro



Concílio realmente universal da ICAR, dado que em sua composição havia representantes dos cinco continentes (SOFIATI, 2016, p. 135). Conforme Souza, o principal propósito da ICAR com este concílio era o olhar para fora (*ad extra*), ou seja, apresentar-se a serviço da humanidade, olhando para as condições e realidades que os diversos grupos humanos apresentam. Com este Concílio, a ICAR se pretende muito mais aberta ao diálogo (inclusive ecumênico ao contemplar a liberdade das denominações religiosas no campo civil) e com uma ação muito mais preocupada com as situações vivenciadas pelas comunidades, inclusive as periféricas (SOUZA, 2005, p. 30-32).

O Concílio foi seguido pela 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, realizada em Medellín, Colômbia, no ano de 1968, e que se preocupou em aplicar o Concílio Vaticano II na região. Acerca disso, consideramos que nessa Conferência se delinearão algumas diretrizes da Teologia da Libertação e, pela primeira vez, as consequências das estruturas do capitalismo na América Latina foram denunciadas pela ICAR (SOFIATI, 2016, p. 127-128).

No que concerne às leituras sobre o pentecostalismo, em sua maioria, o distinguem em três períodos, momentos de implantação e desenvolvimento das igrejas, sendo que para este trabalho apenas as duas primeiras nos interessam². A “primeira onda” é a que caracteriza a sua chegada ao Brasil (1910), trazida por imigrantes que entraram em contato diretamente com o pentecostalismo nascente nos EUA e com predominância na região norte do país, com a Assembleia de Deus (Belém/PA) apesar da concentração da Congregação Cristã no Brasil (CCB) em São Paulo. Uma de suas marcas é a ênfase no adventismo e na *glossolalia* – batismo com o Espírito Santo (FRESTON, 1994, p. 70-72). Esta onda também é conhecida como Pentecostalismo Clássico.

A “segunda onda” foi marcada pela fragmentação do campo pentecostal. Por volta das décadas de 1950 e 1960 surgiram diversos grupos, principalmente na região de São Paulo, em um contexto de forte urbanização e da formação de uma sociedade de massas. A primeira delas foi a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ-1951), que veio dos EUA. Na sequência temos a Igreja O Brasil Para Cristo (OBPC-1955), tida como uma versão mais “brasileira” da Igreja Quadrangular, e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA - 1962), dentre outras. Outra característica deste momento, conforme Freston (1994, p. 70-72), seriam as agências de curas divinas (cultos e cruzadas com finalidade evangelística nos quais as curas e milagres são buscados tanto pelos fiéis quanto pelos sacerdotes). Destacamos também para o período a Igreja Pentecostal de Nova Vida (IPNV), fundada no Rio de Janeiro (a única fora do estado de São Paulo) pelo missionário, posteriormente

² Os autores que trabalham com esta compreensão são: FRESTON (1994), MARIANO (2014) e SIEPIERSKI (2008).



bispo, Walter Robert McAlister. A instituição da igreja está ligada ao seu programa de rádio “A Voz de Nova Vida” (ROLIM, 1985, p. 54-55).

Outras tantas igrejas surgiram nesse entremio e muitas outras posteriormente. Uma vez que nosso trabalho se estende até o início da década de 1970, escolhemos as igrejas com maior número de membros para aqui situar. A influência do pentecostalismo também atingiu as igrejas consideradas “históricas”, como luteranos, presbiterianos, batistas, metodistas e congregacionais. Isso ocasionou cisões internas e deu origem a igrejas chamadas de “renovadas” ou “restauradas” (ROLIM, 1985, p. 59).

Diante do cenário aqui exposto, o campo religioso brasileiro em suas transformações e dinâmicas foi marcado também pelo embate entre católicos e pentecostais, uma vez que ambos disputaram crescer e ampliar sua influência na sociedade brasileira, com a adesão de novos membros.

Os autores dos discursos: os intelectuais católicos da *Revista Eclesiástica Brasileira*

Posto o contexto no qual nossas fontes se situam, cabe-nos perceber quem são os autores que veicularam artigos, comunicações, notas e comentários na REB. Ao considerar os escritores, vamos olhar para estes no período com o qual estamos trabalhando e não em sua atuação posterior. Faz-se pertinente considerar, conforme Foucault (2002, p. 61), quem são esses agentes de fala, ou seja, “qual é o *status* dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?”. Nesse sentido, contribui para esta discussão, pensar estes sujeitos que falam por meio de suas publicações na revista que não existe discurso sem um agente que o faça, e que este, por sua vez, possui uma ideologia que é manifesta por meio de seu discurso (ORLANDI, 2009, p. 47).

Para tal apresentamos na sequência os intelectuais católicos que dentre as suas publicações encontramos alguma consideração sobre os pentecostais ou que se silenciaram sobre esses na revista, bem como em qual das sessões da REB as veiculações se localizam.



Tabela 1 - Mapeamento das veiculações da REB - 1941-1973

Autores	Artigos	Comunicações	Assuntos Pastorais	Crônicas Eclesiásticas	Documentação	Total
Abdalaziz de Moura	01	-	-	-	-	01
Agnelo Rossi	07	03	-	01	-	11
Aloísio Lorscheider	-	01	-	-	-	01
Bernardo G.Haanappel	01	-	-	-	-	01
Boaventura Kloppenburg	-	04	-	-	-	04
José Comblin	01	-	-	-	-	01
LibérioBassetto	-	01	-	-	-	01
P.L.	-	01	02	-	-	03
SNF	-	01	-	-	-	01
Sem autor ³	-	03	01	01	02	07
TOTAL	11	14	03	02	02	31

Fonte: tabela produzida pelo autor.

Consideramos que dos nove autores listados, oito possuem formação para o sacerdócio católico. A formação em Teologia e Filosofia se destaca no currículo destes intelectuais. Assim, o desenvolvimento destes sujeitos enquanto pensadores está atrelado a uma vida religiosa na ICAR. Foucault pondera sobre esses sujeitos o que observamos aqui. Eles são sujeitos que questionam, interpretam, discursam “segundo uma certa grade de interrogações explícitas [...], segundo um certo programa de informação”(FOUCAULT, 2002, p.58). Além disso, sublinhamos os estudos realizados em centros de formação europeus, com destaque para a cidade de Roma – emblemática para o catolicismo mundial, o que denota que esses intelectuais possuem contato com outras partes do clero internacional possibilitando novas leituras e a adoção de posturas, a partir do diálogo com outros intelectuais, para a realidade religiosa que vem se configurando no cenário brasileiro. Destacamos também que dentre eles, cinco trabalharam com o ensino, o que indica seus interesses

³ Classificamos aqui todas as veiculações em que não há uma autoria declarada e diante disso optamos por vinculá-las à própria Revista Eclesiástica Brasileira e seus editores.



em discutir temas de relevância para o Catolicismo no país, uma vez que atuaram junto à formação e capacitação, tanto do clero quanto de leigos.

São esses intelectuais que em sua militância católica e atuação enquanto professores, sacerdotes, pensadores, escritores, apologistas, pregadores, contribuíram, por meio de suas pesquisas sobre o tema, relatos de experiência pastoral, com a instrução, o debate e a formação de clérigos e leigos vinculados à ICAR, para uma compreensão, interessada e nada imparcial, acerca do pentecostalismo no Brasil. Cabe lembrar que tudo isso se desenvolveu em um contexto que o outro grupo (pentecostais) crescia, principalmente a partir da adesão de ex-católicos e num quadro em que várias práticas católicas são repensadas dentro da ICAR.

Após a observação de todas as veiculações na REB que versam acerca do pentecostalismo, percebemos que existiu uma postura para esta questão entre os anos de 1941-1961, ou seja, antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, com a predominância de um discurso católico mais apologético, prosélito, muitas vezes agressivo e ofensivo aos crentes pentecostais, e, num segundo momento, posteriormente ao Concílio, 1966-1971, com uma perspectiva muito mais ecumênica, menos teológica e mais direcionada para os estudos com base também nas Ciências Sociais e da Religião. Assim sendo, dividimos nosso trabalho de análise em dois momentos de reflexão. Pontuamos que entre os anos de 1961-1966 não teve nenhuma veiculação acerca do pentecostalismo. A tônica da revista neste momento se direcionou para os preparativos e os acontecimentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).

Conhecendo os *pentecostistas*: os primeiros discursos acerca deste *outro pentecostal* (1941-1961)

Neste primeiro momento, isto é, de 1941 até 1961 destaca-se a atuação de Agnelo Rossi na publicação de artigos sobre a temática do Protestantismo. Até o ano de 1945, não verificamos nenhuma publicação sobre a temática do pentecostalismo. Nos artigos *Catolicismo e Protestantismo nos Estados Unidos da América do Norte* (1941), *Por que Missões Protestantes na América Latina?* (1943) e *A Ação Católica e a opinião dos Protestantes no Brasil* (1943) existem um silenciamento sobre as igrejas pentecostais.

Com base nisso, nos lançamos à seguinte pergunta: para Rossi, os pentecostais não seriam protestantes? Esta dúvida descartou-se com sua publicação no ano de 1945. O *Protestantismo no Momento Atual Brasileiro* é a primeira veiculação da REB a citar os pentecostais. No artigo, Agnelo Rossi discorreu sobre luteranos, presbiterianos, batistas, metodistas, congregacionais, adventistas, episcopais, mórmons, anglicanos, salvacionistas e também os “pentecostistas”. Nesse sentido citamos parte do discurso de Rossi, que ponderou



Os *pentecostistas* são, presentemente, os mais ardorosos proselitistas. Em 1932 eram 13.000 os “língua de fogo”, ao passo que, em 1943, suas fileiras já agrupavam 55.000 pentecostais. O crescimento é rápido. Os novos elementos são recrutados, com relativa facilidade, nas camadas obscuras, ínfimas e ignorantes das outras seitas protestantes ou do espiritismo. [...] É notável o crescimento entre os pentecostistas. Os pentecostais exigem, além do batismo de água, o do Espírito Santo. Quem conseguir ser assim batizado, torna-se impecável. Sei de um preso, que cometeu as maiores imoralidades, e as atribui blasfemamente ao Espírito Santo, pois que foi batizado no Santo Espírito. As reuniões pentecostistas, mescla de vozerio desconexo e de promiscuidade imoral, têm reclamado, não raramente, a intervenção policial (ROSSI, 1945. p. 30-31).

Para embasar seu discurso Rossi lançou mão daquilo que entendemos por interdiscurso, ou seja, ele se utilizou de outro texto, produzido por outro sujeito, para dar sentido a sua discursividade. Compreendemos que o interdiscurso consiste na “relação do discurso com uma multiplicidade de discursos”, com aquilo que em outros momentos já foi dito (ORLANDI, 2009, p. 80). Outro ponto que pode ser aqui assinalado é a intertextualidade, isto é, a “remissão de um texto a outros textos para que ele signifique” (ORLANDI, 1996, p. 259) que é uma das marcas daquilo que entendemos por discurso teológico. Rossi também fez uso do discurso de um periódico batista para tecer suas considerações sobre os pentecostais e ao trazer outro discurso para seu texto conferiu ao mesmo maior credibilidade.

Outro ponto que nos chamou a atenção é o termo “línguas de fogo” que faz referência explícita ao texto bíblico de Atos dos Apóstolos que é utilizado pelos pentecostais para afirmar sua doutrina no batismo no Espírito Santo, mas também um ponto que integra a identidade destes enquanto pentecostais.

Ainda, apesar de reconhecer o rápido crescimento das igrejas pentecostais, Rossi afirmou, em outras palavras, que os aderentes ao pentecostalismo não são católicos, e sim membros de outros grupos protestantes ou espíritas, marcados pela “obscuridade” e “ignorância”. Neste ponto, sua fala é reveladora de duas questões: primeiro o seu desconhecimento visto que, tanto espíritas quanto protestantes crescem, ao passo que o número de católicos no Brasil cai. Não descartamos que protestantes e espíritas tenham aderido ao pentecostalismo, mas a principal migração de fiéis se dá do catolicismo, o que talvez para Rossi seja “vergonhoso” de admitir; segundo, o seu preconceito em relação aos crentes, não somente pentecostais, mas também de outras matrizes religiosas.

Deve-se destacar também a sua leitura sobre o batismo no Espírito Santo, tida como obrigatória para pertencer à comunidade e que tornava o fiel “impecável”. E para isso, citou um “testemunho”, ou seja, um fato que viria comprovar aquilo que ele estava afirmando. Pelas leituras que realizamos nunca encontramos uma leitura como a feita por Rossi, de que o supostamente



“batizado no Espírito” seria impecável, o que nos mostra um conhecimento muito superficial, naquele contexto, sobre os pentecostais, apesar de compreendermos que são as primeiras reflexões sobre o pentecostalismo e que esta leitura também poderia possuir um propósito de gerar desconfianças nos leitores em relação a estas igrejas.

Na mesma edição da REB, março de 1945, outra publicação se destacou devido a sua temática: *A Glossolalia no Novo Testamento*. Neste artigo, o Pe. Bernardo Gaspar Haanappel discorreu sobre o fenômeno bíblico que é tão caro aos pentecostais. Ao iniciar seu discurso, o autor assinala que a *glossolalia* ou o “dom de línguas” é um dos carismas mais “notáveis e interessantes” que podemos encontrar na Bíblia (HAANAPPEL, 1945, p. 51). Segundo ele, a *glossolalia* foi uma promessa feita por Jesus Cristo para a sua igreja, e que este, além de outros sinais sobrenaturais, teriam sido manifestos nos períodos mais primevos do Cristianismo como um meio para se “espalhar a fé” (HAANAPPEL, 1945, p. 52).

O seu texto, marcado pela utilização do Latim, quer mostrar a erudição do autor, bem como trazer consistência ao seu discurso enquanto teólogo. O autor empreende-se em uma defesa de uma concepção da *glossolalia* que em muito, para não dizer em sua totalidade, se assemelha a como interpretada e defendida pelos pentecostais, principalmente ao insistir neste carisma como uma comunicação com Deus, com o intuito além da “edificação” do fiel e da comunidade, mas também de louvar a Deus, consistindo num dom sobrenatural e não em um “vozerio desconexo” como assinalou Rossi na publicação anterior.

Ressaltamos que não há uma defesa explícita do pentecostalismo entre os protestantes, mas sim a defesa de uma prática cristã. Cabe aqui também destacar que não observamos nenhum outro autor que teria publicado um contraponto a Haanappel ou uma crítica a sua leitura, o que nos possibilita pensar que os demais autores e leitores concordassem com a postura do autor, ou que por mais que discordassem não possuíam argumentos tão embasados quanto os dele, ou que preferiram se silenciar diante de um tema polêmico como este, pois entendemos que ao se fazer uma defesa desta questão também, conseqüentemente, se faz uma defesa das crenças pentecostais. Evidencia-se, portanto, como a REB traz visões que em muitos casos são díspares, e até mesmo contrárias uma a outra, como nestes casos.

No período entre os anos de 1945 e 1951 não verificamos nenhuma outra publicação que abordou a temática dos pentecostais no país. No ano seguinte, 1952, a REB publicou o primeiro artigo cujo assunto foi exclusivamente o pentecostalismo. Publicado em dezembro daquele ano, Agnelo Rossi buscou discutir em *O Pentecostismo no Brasil* um esboço sobre o pentecostalismo no



país, sua origem nos EUA, e um enfoque às Assembleias de Deus (AD) e a Congregação Cristã no Brasil (CCB).

O motivo pela publicação de tal artigo é evidenciado logo na sua introdução: “com uma frequência impressionante recebemos pedidos de colegas no sacerdócio para escrever algo mais desenvolvido sobre o pentecostismo e outras seitas do Brasil” (ROSSI, 1952, p. 767). Sendo assim, a publicação possui um fim de informar o clero católico brasileiro sobre os pentecostais e também nos apresenta uma demanda, resultado de uma preocupação destes sacerdotes ante as novas questões que se colocam no campo religioso brasileiro.

O artigo está dividido em dez tópicos, pelo que destacamos alguns. Em sua narrativa, Rossi lega aos missionários que trazem dos EUA a doutrina pentecostal para o Brasil um caráter dúbio, uma vez que acerca deles apresenta questões como a falsidade e a mentira, dado que possuiriam interesses de criar grupos dissidentes nas igrejas protestantes em que se inseriam. Nesse ponto, a retórica da alteridade está estabelecida, ou seja, o outro está sendo enunciado como diferente (HARTOG, 2014, p. 243) e essa diferença está não somente nas ações, mas também no caráter destes missionários.

Na sequência, descreve-se uma reunião de oração numa casa de uma crente que supostamente estaria possessa por um demônio e, depois disso, teria sido batizada no Espírito Santo. O autor utiliza agora da descrição, ao valer-se do testemunho do reverendo batista. Neste caso entendemos que essa narrativa é um ponto importante na retórica da alteridade. Segundo Hartog, essas descrições nos “fazem ver e fazem ver um saber: têm olho como ponto focal [...]. É, pois, ele que faz crer que se vê e que se sabe, é ele que é produtor de *peithó*, de persuasão: eu vi, é verdadeiro” (HARTOG, 2014, p. 243). Seguindo na descrição das orações, misturadas com cânticos e demais manifestações espontâneas Rossi (1952, p. 771) reitera que “dava para atordoar a qualquer que não tivesse juízo forte”. Enquanto isso, a fiel Nazaré “começou a tremer e, com um som confuso, a falar um embaralhado muito feio, a cantar coisas desentendidas, inclusive um tango”. Tanto o reverendo batista que está a descrever, quanto Rossi que o cita, compreendem este momento como uma loucura coletiva, tendo na direção os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren (fundadores da Assembleia de Deus) e também a “D. Celina”, que entendemos se tratar de Celina de Albuquerque, a primeira brasileira que teria recebido o batismo no Espírito Santo, segundo a narrativa oficial das ADs. Ao fim do ritual, Rossi pontuou que devido a estas doutrinas esse grupo de pessoas foi excluído da Igreja Batista local, fundando em 18 de junho de 1911 a Assembleia de Deus.



Ao abordar o *Desenvolvimento do Pentecostismo no Brasil* os números apresentados por Rossi agora são que de em 40 anos os pentecostais chegaram a cerca de 150.000 adeptos no Brasil. Para explicar o crescimento das igrejas pentecostais, ele lista alguns fatores, dentre eles: “ao espírito essencialmente proselitista (para não dizer logo fanatismo) dos seus membros [...] à ignorância religiosa, [...] à facilidade de ordenar pastores e dirigentes do culto, [...] à parte ativa que as mulheres tomam no movimento” (ROSSI, 1952, p. 773). Dentre os pontos ressaltados é pertinente observar que o autor não mencionou motivos referentes ao catolicismo, como a ausência ou parca atuação da ICAR em várias regiões do país. Rossi tornou evidente que os motivos são a participação dos fiéis de forma ativa na comunidade e a questões ligadas a religiosidade popular.

Na sequência, o autor nos exhibe algumas terminologias pelas quais os pentecostais são conhecidos e referenciados no Brasil, a saber: “glórias, aleluias, crentes, rodadores, línguas, línguas de fogo, pedra-ume, tremedores” (ROSSI, 1952, p. 775). Essas representações das igrejas pentecostais fazem referência tanto a expressões idiomáticas dos pentecostais, principalmente nos momentos de culto (glórias e aleluias) e alguns termos que designam gestos que ocorrem nas celebrações religiosas, como rodar, marchar, pular.

Pontuando sobre o *Método de trabalho dos pentecostais*, Rossi (1952, p. 781) salientou que a estratégia destes missionários era, ao chegar a uma cidade, procurar outras igrejas evangélicas e dentro delas pregar a doutrina pentecostal. Reunindo um bom número de seguidores fundavam uma nova Assembleia de Deus e empenhavam-se numa campanha agressiva contra a igreja da qual haviam saído.

Ao final de seu artigo, Rossi apresentou alguns números das duas principais igrejas pentecostais no Brasil: a Assembleia de Deus, com cerca de 1609 congregações (templos) e aproximadamente 100 mil membros, e a Congregação Cristã no Brasil, com 662 templos e que no ano de 1948 teriam realizado no país 9187 batismos.

Desta forma, compreendemos que esta publicação, apesar de se tratar de uma leitura inicial é um ponto de partida interessante para a (in)formação do clero. Isso nos leva ao questionamento de qual a perspectiva que este clero adotará para com os pentecostais no Brasil? Percebemos que a tônica do combate e do desrespeito ao outro está posta.

As publicações que se seguiram entre os anos de 1952 até 1968 nos apresentaram leituras mais pontuais: ou são casos e relatos de sacerdotes em sua vida pastoral ou pequenas comunicações



de, em média, três páginas. Entre as publicações, sublinhamos algumas aqui⁴.

Em 1955, um sacerdote da cidade de Cruz Alta/RS relatou de suas experiências com a questão do decréscimo dos católicos em *Salvemos o Brasil da Heresia* como ele tem utilizado o “método moderno do terço e da catequização nas famílias” (PL, 1955, p. 425). Em seu texto, o preocupado sacerdote exclama

A pilhagem é simplesmente de causar pavor. Saqueiam os lares católicos e levam as melhores presas. [...] Cada mês a safra das heresias no campo católico é estuporante, é de dilacerar as vísceras. O açougueiro do bairro já frequenta o templo metodista. O fotógrafo faz mais de ano que ingressou na seita adventista. No arrabalde funcionam quatro centros de umbanda, fora os centros do espiritismo e fora as igrejas pentecostais, metodistas e adventistas e outras. Meus senhores, o fim do mundo. (PL, 1955, p. 425).

Neste trecho, além de empregar uma linguagem carregada de analogias, o autor mostra-se perplexo ao constatar a diversificação dos grupos religiosos presentes numa cidade do interior. Ou seja, há um aumento na oferta de possibilidades no campo religioso que permite aos sujeitos ingressar em outros grupos que melhor lhe correspondem dentro de suas necessidades.

Com a aproximação do Concílio Ecumênico Vaticano II este assunto começou a se refletir também na REB. Observando publicações que tratam da temática do ecumenismo e do protestantismo, não encontramos nenhuma em que as igrejas pentecostais fossem mencionadas.

Para finalizar este conjunto de publicações selecionamos uma nota pequena, mas de importância simbólica para o contexto. No ano de 1961, comemoraram-se os 50 anos das Assembleias de Deus no país e a celebração foi mencionada pela revista.

O Maracanãzinho se tornou teatro para toda a espécie de concentrações heréticas. Além de pentecostais e umbandistas, agora é um tal Pastor Roberto que convoca o público para uma mensagem carismática sobre milagres e curas, com oração especial pelos enfermos [...]. Dia 25 de junho realizou-se ali uma grandiosa comemoração, isto é, muita discursaria, cantoria sacudida e dois minutos de oração espontânea gritada conjuntamente, em homenagem ao cinquentenário da Assembleia de Deus no Brasil. Acorreram cerca de 40.000 pessoas, na maioria gente simples dos subúrbios do Rio, superlotando desordenadamente as galerias do Maracanãzinho. [...] Havia grande confusão entre os que se comprimiam e saltavam pelas arquibancadas, sem ligar para os oradores que não se podiam ouvir por mau funcionamento dos alto-falantes. A única nota de brilho e piedade foi dada pelo conjunto coral de 1.500 figuras, vestidas de capa azul, executando sofrivelmente três cantos religiosos. Depois o desfile das bandeiras dos Estados, e os acordes de uma banda de Madureira! Das autoridades anunciadas, havia só representantes. Mais um pastor da Suécia e outro dos Estados Unidos. [...] Não há dúvida que essa demonstração da Assembleia de Deus, apesar de suas falhas, nos deve envergonhar e servir de estímulo. Significa de fato um zelo e dinamismo que muitos católicos nem de

⁴ Dado que possuímos limite de páginas para a publicação, tivemos de, arbitrariamente, selecionar algumas veiculações, deixando outras de lado, entretanto, sem prejudicar nossa análise.



longe possuem: como em cinquenta anos cresceram esses crentes para quase 500.000 que são hoje (aumentando na média uns 27 por dia) com capelinhas por todo o nosso interior! (SNF, 1961, p. 688).

Inicialmente a nota, que não possui a identificação do autor, somente por sigla, comunicou aos leitores sobre as reuniões realizadas por um tal “Pastor Roberto”. Por todas as descrições fornecidas (carismático, cultos com ênfase em curas e milagres) compreendemos que se trataria do Bispo Walter Robert McAlister fundador da Igreja Pentecostal de Nova Vida no Rio de Janeiro, o que nos direciona para a expressividade que este sujeito começou a ter com suas reuniões que congregavam milhares de pessoas no Rio de Janeiro.

Quanto à cerimônia de comemoração do cinquentenário, o autor não poupou (des)qualificativos para a mesma. Como lemos no trecho anterior, podemos perceber que a questão da alteridade ficou bem acentuada: em tudo os pentecostais são diferentes aos católicos. Desde a sua liturgia tida como “desorganizada” e mal feita, a falta de autoridades e do prestígio por parte delas, inclusive no que concerne à demonstração dos seus membros, que “deve envergonhar e servir de estímulo” aos católicos. Em todos os momentos o autor deixou transparecer o lugar de sua fala, e nesse sentido, ao usar de expressões sobre pentecostais a partir da ICAR é que possibilitou uma leitura marcadamente desprestigiada e preconceituosa em relação ao outro.

O que fala uma Igreja que se quer ecumênica? Os discursos no pós Concílio Vaticano II

Como já discutimos, durante o período de realização do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) a REB se voltou para este grande evento para o catolicismo romano. Diante deste novo quadro que começou a se desenhar buscamos perceber se o discurso sobre os pentecostais brasileiros sofreu alguma alteração. Como nosso recorte vai até o final de 1971, percebemos menos veiculações (inclusive pelo período ser menor), mas notamos que as publicações agora feitas possuem maior consistência, ou seja, antes, tínhamos várias publicações com menos de cinco páginas, agora a média é de quinze, o que nos apresenta discussões mais densas sobre o assunto.

O primeiro trabalho nesta nova conjuntura foi o do redator da revista, Frei Boaventura Kloppenburg. Sob o título de *O Fantástico Crescimento das Igrejas Pentecostais no Brasil*, publicado em setembro de 1966, Kloppenburg (1966, p. 653) trouxe novamente para a discussão um tema que há cinco anos havia ficado de lado. Iniciando sua comunicação, o frei assinalou que dentre os protestantes no país, quem mais cresce são os pentecostais, e como ele mesmo definiu, este crescimento é “fantástico”, destacando que atualmente representam “75%!” dos evangélicos brasileiros.

Com um aumento de 3000% de adeptos, os pentecostais se destacam neste cenário religioso



brasileiro. Diante disso, Kloppenburg, a partir de William Read, dividiu este campo pentecostal em três grupos. O primeiro deles é a Assembleia de Deus, pelo que considerou que em 1930, a AD já contava com 14 mil membros. No ano de 1966 eram cerca de 1,1 milhões de brasileiros que se declaravam assembleianos.

O segundo grupo, por sua vez, é a Congregação Cristã no Brasil, que para o autor fora fundada em 1909 na colônia italiana de São Paulo por Luigi Frascrescon. Ao pontuar a evolução do número de membros e de congregações o autor marca que em 1966 ela reunia cerca de 350 mil membros e 2500 igrejas espalhadas pelo país. Kloppenburg (1966, p. 654) buscou evidenciar as diferenças para com as ADs, e sublinhou que a CCB nunca recebera dinheiro do exterior, que faziam suas orações ajoelhados, o uso do véu para as mulheres, a não remuneração dos ministros, o batismo por imersão, a *glossolalia* que não requer interpretação, a organização local “livre e espontânea”, o não envolvimento na política, dentre outras.

O terceiro grupo é das igrejas “Pentecostais independentes”. O surgimento delas aconteceu por volta de 1950 em São Paulo, pelo que salientou a figurado Pastor Manoel Melo com o “movimento da ‘tenda divina’ (‘HolyTent’), conhecida como Cruzada *Brasil para Cristo*, que dispõe agora de 1.100 igrejas organizadas” e com mais de 1600 pastores e aspirantes ao pastorado. Somam-se a essa as seguintes igrejas

A Cruzada Nacional de Evangelização (atualmente dirigida por Jorge Russel Faulkner, também na base de “tendas divinas”), Cruzada de Nova Vida (tendo à frente o Pastor canadense McAlister, que trabalha principalmente no Rio), a Igreja da Renovação (com muitos elementos da Igreja Batista), a Igreja da Restauração (dirigida pelo Pastor Elmir Guimarães Maia), o Reavivamento Bíblico (com Mário Lindstrom, em Tucuruvi, SP), o Evangelho Quadrangular Pentecostal, o Cristo Pentecostal da Bíblia, a Igreja Pentecostal Unida, a Igreja Evangélica Pentecostal, a Igreja Pentecostal Jesus Nazareno, etc. Todos eles juntos (incluída a Cruzada Brasil para Cristo) têm agora, em 1966, 449.000 membros plenos. (KLOPPENBURG, 1966, p. 654).

Até aqui a leitura de Kloppenburg, que se faz a partir de um pesquisador que teve várias publicações sobre o tema (William Read), parece-nos ser muito mais com o sentido de compreender a situação que se apresenta no campo religioso brasileiro na década de 1960. Sua leitura, que realçou os novos grupos que estavam surgindo, demonstrando a fragmentação do campo pentecostal e a emergência de inúmeras novas denominações somado a marca do “evangelismo de tendas”, se assemelha muito as leituras que se farão a partir do final do século XX, principalmente por sociólogos da religião, que denominaram este segundo momento do pentecostalismo no Brasil de “segunda onda” (FRESTON, 1994, p. 72).



No cenário brasileiro, o autor também considerou que São Paulo era a “capital pentecostal do mundo: ‘mais de 250.000 pentecostais de todos os tipos se reúnem à noite dos domingos em São Paulo para glorificar a Deus e n’Ele se alegrar.’”(KLOPPENBURG, 1966, p. 654). Essas ponderações de Kloppenburg nos permitem considerar que neste cenário, em que os pentecostais já estão consolidados, um reconhecimento do culto pentecostal como um culto a “Deus”, e, a partir de então, de um objetivo muito mais detido em compreender o pentecostalismo, para orientar a ação pastoral diante da realidade. Comparado com suas outras publicações, o seu discurso nos parece menos agressivo e apologético.

Desta forma, o escritor ainda ponderou doze motivos para o crescimento das igrejas pentecostais no Brasil, acentuando muito mais aspectos sócio-culturais, sendo elas: a miscigenação da população que se abre mais facilmente à diversidade religiosa, a emocionalidade dos cultos pentecostais, o analfabetismo de cerca de 55-65% da população, a expectativa deixada pelo catolicismo de uma “religiosidade miraculosa e mística”, a questão do pastor ser um representante do “patrão”, figura importante para muitas comunidades, a urbanização e o abandono destes migrantes, do êxodo rural, o apelo de uma vida melhor, a integração na vida comunitária, os ministros leigos e o envolvimento missionário dos membros (KLOPPENBURG, 1966, p. 655).

E novamente, com base em Read, Kloppenburg citou algumas posturas a serem tomadas em relação a esta conjuntura. Primeiramente a busca da prática de evangelização, “descobrir” um novo tipo de apelo para conquistar as pessoas, ordenar ministros no “nível popular”, trabalhar mais nas “áreas populares”, um método de evangelização que seja “bíblico, paulino, espiritual e aceitável para os tempos atuais”, aprender a treinar líderes para a criação de “comunidades vivas e eficientes”, todos os membros se tornarem participantes na comunidade eclesial e a reestruturação das Igrejas “no sentido de ser suficientemente adaptável às novas áreas populares suburbanas”. Assim sendo, as mudanças a serem observadas para a ICAR apresentam-se para nós como um reconhecimento do trabalho exitoso dos pentecostais, isto é, uma aceitação da pluralidade religiosa, vinculada ao Concílio Vaticano II, e um método a ser adotado para uma instituição que vem perdendo fiéis a cada dia.

Dois anos depois, o Padre José Comblin publicou na edição de março o seu artigo intitulado de *Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil*. Neste, a proposta foi traçar uma tipologia do catolicismo brasileiro de uma perspectiva ecumênica que pretendia compreender as manifestações da religiosidade popular, a partir do “espírito conciliar” do Vaticano II. Para o autor, “existem apenas diferentes sistemas de tradução do cristianismo em condições concretas de vivência humana” e nessa perspectiva, “uma atitude verdadeiramente ecumênica levar-nos-á a aceitar o diálogo com



todas as manifestações históricas do cristianismo. Nisso ecumenismo e atitude científica concordam plenamente” (COMBLIN, 1968, p. 49).

Sendo assim, o autor organizou o seu texto com base em três pontos: a estrutura europeia, a estrutura africana e a estrutura ameríndia. No ponto da estrutura europeia, Comblin dividiu-a em outros três: Catolicismo medieval, Catolicismo moderno e Cristianismo contemporâneo. E inserido no terceiro ponto que Comblin refletiu acerca dos pentecostais. Em seu discurso sobre “o pentecostalismo” iniciou considerando a Assembleia de Deus como sinônimo deste. Apesar da AD ser a maior igreja pentecostal do Brasil, isso não se justifica. Em seu texto também pontuou que o crescimento do pentecostalismo “é sensacional nas massas suburbanas principalmente”, destacando São Paulo como a “capital mundial do pentecostalismo” e os três milhões de brasileiros que são adeptos do pentecostalismo (COMBLIN, 1968, p. 69).

Para Comblin (1968, p. 70), a conversão dos fiéis foi algo tão notório que se manifestou numa vida de abstinência dos “prazeres e das distrações profanas”, bem como na formação de uma comunidade com fortes vínculos entre seus membros e sob “o controle vigilante e ciumento dos pastores”.

Na sequência, José Comblin utilizou-se de outras leituras (de sociólogos não citados) para compreender o crescimento dos pentecostais no país. Para o autor, um dos motivos a ser considerado foi a

[...] aspiração a uma reintegração moral por parte de muitos elementos não integrados nos cânones morais da cidade. Perderam as normas da sociedade rural. Fizeram na cidade experiências de dissolução moral. Querem a salvação dessa desintegração. A pregação fornece-lhes novas razões de viverem. Por outro lado, as comunidades fraternais restituem uma vida social aos isolados dos subúrbios. O homem que vem do campo sente a solidão da grande cidade que não o ajuda. [...] O apoio está na comunidade dos crentes. (COMBLIN, 1968, p. 70).

Nesse sentido, o discurso de Comblin (1968, p. 70) pronuncia-se a partir de uma leitura com base científica da sociedade. Após ponderar que a maioria dos pentecostais uma vez fora católica, finalizou seu artigo lançando indagações para que outros estudiosos pesquisassem sobre a área de expansão do pentecostalismo, quais os obstáculos e os fatores que possibilitaram seu crescimento.

Mais dois anos se passaram e novamente a REB veiculou um artigo sobre a temática. Em *O Pentecostalismo como Fenômeno Religioso Popular no Brasil*, Abdalaziz de Moura propôs-se a discutir um conceito que é muito mais amplo da forma como vinha sendo apresentado. Para o autor, o pentecostalismo encontrava-se na sua quarta fase de desenvolvimento. A primeira foi quando surgiram as reuniões de oração, a segunda, quando da formação dos grupos e das primeiras igrejas,



a terceira, da consolidação destes grupos e a quarta fase foi a penetração na ICAR e em outras igrejas protestantes, tais como Luterana, Metodista e Presbiteriana (MOURA, 1971, p. 78).

Esta discussão possuía o propósito de colaborar para “todos os que buscam maneiras dos pobres se evangelizarem”. Desta maneira, o pentecostalismo está sendo entendido pelo autor como um “fenômeno religioso popular”, ou seja, “um conjunto de normas e crenças que determinam tal tipo de comportamento, tal modo de pensar e agir, tal relacionamento com Deus e com os homens entre as massas populares” (MOURA, 1971, p. 78). A isso, Moura acrescentou que a “classe social à qual pertencem os seus adeptos – os pobres, os marginalizados, o operariado, a classe C, os oprimidos” (MOURA, 1971, p. 78-79).

Por essa perspectiva, o autor refletiu sobre quatro “fenômenos religiosos populares” e propôs uma análise comparativa entre o “Catolicismo Tradicional Popular”, os “Cultos afro-brasileiros”, o “Pentecostalismo” e a chamada “Evangelização Popular”. Assim, Moura ao discorrer sobre o pentecostalismo, apontou a necessidade de muitos estudos dado que até o momento existiam poucas leituras sobre. Para ele, “de modo bastante original, o Pentecostalismo aproveitou elementos dos dois fenômenos anteriores, aprofundou-os e deu uma conotação mais cristã” (MOURA, 1971, p. 81), sendo os dois fatores anteriores o catolicismo popular e as religiões afro-brasileiras. Salientou também o seu notável trabalho na evangelização e sublinhou que os que até aqui estudaram o assunto concordam que o pentecostalismo possui “limitações profundas e não correspondem à maneira mais correta do cristianismo” (MOURA, 1971, p. 81), que para ele, entre os fenômenos populares, foi a “Evangelização popular”, ainda em fase de desenvolvimento, vinculada à experiência das Comunidades Eclesiais de Base.

Num segundo instante, Moura discutiu os “fatores e elementos de evolução”, com base numa relação por ele estabelecida entre crença e comportamento. O primeiro ponto foi a crença na continuidade dos pretensos dons do Espírito Santo e em como este dirigia a Igreja, o que produziria entre os pentecostais “coragem, confiança e zelo apostólico” (MOURA, 1971, p. 83). O segundo foi a sua concepção acerca de Jesus Cristo, entendido como o “libertador”, aquele que dá a vida, cura os doentes e dá a “vitória sobre o demônio, o vício e a maldade” (MOURA, 1971, p. 83).

Por sua vez, o terceiro ponto da veiculação tratou da igreja, destacando seus fortes laços de convívio e unidade e a responsabilidade missionária que todo membro tem para com ela. Com base nisso, os pentecostais se lançaram a evangelização de forma notória. O autor também considerou a autonomia das igrejas locais no pentecostalismo e a sua suficiência financeira diante das igrejas estrangeiras (MOURA, 1971, p. 85). Somado a isso o autor observou a liturgia marcada pela



emocionalidade e espontaneidade, sem o crivo de sensores externos e a centralidade da Bíblia nas cerimônias. Além do estudo da Bíblia, o Batismo e a Eucaristia constituíam-se em momentos importantes para estes grupos (MOURA, 1971, p. 84).

No tópico seguinte o autor realizou uma análise comparativa. E a primeira questão que julgou comum a todos os quatro fenômenos foi a pobreza. Em sua leitura, Moura sublinhou que “mais importante do que as crenças e o comportamento é a situação social de todos. Em grande parte é a situação social que determina o comportamento e a confissão religiosa. [...] A pobreza é o sinal de igualdade na equação dos fenômenos religiosos populares” (MOURA, 1971, p. 86). Para o crescimento destes grupos, o autor expôs a migração das populações do meio rural e a urbanização, e diante deste quadro, as igrejas pentecostais lograram êxito uma vez que conseguiram responder aos anseios destes grupos de migrantes. Para Moura

Na comunidade pentecostal, o pobre encontra quem o valorize, o chame pelo nome, procure um emprego ou ajude-o financeiramente, etc. Mas não é só isso, pois os cultos afro-brasileiros também o fazem. Existem ainda outros elementos: Há um encontro pessoal com Deus, há uma descoberta da Bíblia, há um experiência de comunidade cristã, há uma harmonia conjugal que se adquire, há um abandono dos vícios, uma promoção social, uma integração da mulher, em síntese há uma conversão e mudança de vida. O vazio e a insegurança das massas encontram uma resposta que as igrejas estabelecidas, nem os outros grupos religiosos populares puderam dar (MOURA, 1971, p. 87-88).

Nota-se o reconhecimento de Moura para os cultos pentecostais diante destes grupos que vão conformando novas realidades para os centros urbanos. Mais uma vez, as explicações se dão a partir duma ótica que se quer científica, dado que pretende realizar uma leitura mais histórica e sociológica destes grupos do que religiosa e dogmática.

A última questão que o autor refletiu em seu artigo foi o que ele entendia por “alienação” dos três primeiros fenômenos da religiosidade popular. Para ele, a acusação de que a alienação dos pentecostais os afasta do engajamento político deve ser posta ao outro grupo também. O autor considera que esse fato é interessante para a manutenção do poder das “elites” políticas e econômicas do país e está vinculado diretamente a concepção escatológica das igrejas pentecostais em esperar o reino vindouro de Jesus Cristo. E nessa perspectiva, para um pentecostal, “se o mundo está próximo do seu fim e é Jesus quem vai trazê-lo pronto, por que então se preocupar com as coisas do mundo? Não adianta, nem vale a pena. É tempo perdido” (MOURA, 1971, p. 90). Ao encerrar seu artigo acentuando que inúmeras questões estão abertas para a discussão, o autor reiterou a necessidade da ICAR e de outras igrejas protestantes, se querem evangelizar os pobres, atentar para o trabalho já desenvolvido neste campo pelos pentecostais.

Faz-se interessante constatar que, por meio da leitura de Moura, apenas os pobres aderem



ao pentecostalismo. Outro tópicos é a generalização que o autor fez em relação ao campo pentecostal. Como já mencionado, na própria revista e nos estudos por nós analisados, a igreja O Brasil Para Cristo possui envolvimento claro com a política, inclusive com a eleição de deputados federais. O discurso de Moura possuía um claro interesse: refletir sobre novas formas de evangelização para a ICAR, principalmente a partir da atuação das Comunidades Eclesiais de Base, com a finalidade de uma igreja mais atuante na sociedade.

Postas estas discussões sobre os dois períodos por nós analisados apresentamos alguns dados ponderados na tabela a seguir que nos permitem constatar as diferenças entre os dois conjuntos de forma mais evidente.

Tabela 2 - Comparação dos conjuntos das publicações da REB (1941-1971)

	1941- 1961	1966 - 1971
Características apontadas	Ardorosos proselitistas, promíscuos, ignorantes, “camadas obscuras da população”, falsos, dissimulados, perversos, cultos que “atordoam qualquer um que não tivesse juízo forte”, fanáticos, “tiririca que medra”, alucinadores, histéricos, desordeiros, desrespeitosos, apóstatas, não sendo bem vistos pelos demais protestantes, calvinistas, hereges, agressivos, inimigos da nação.	Fantástico crescimento, “movimento das tendas”, o culto que é prestado a Deus, marcado pela emotividade, a substituição da figura do “patrão” pela do pastor, abstinência dos “prazeres e das distrações profanas”, comunidade com fortes vínculos entre seus membros e com a instituição, composta principalmente por pobres e marginalizados, cristãos que “não correspondem à maneira mais correta do cristianismo”, crentes corajosos e proselitistas, solidários entre si, alienados politicamente, devotos da Bíblia, orações espontâneas.
Terminologias utilizadas	“pentecostistas”, “línguas de fogo”, “roladores”, “glórias”, “aleluias”, “crentes”, “rodadores”, “línguas”, “pedra-uma”, “tremedores”, “assembleias tremiliqueiras”, “onda herética”, “igrejolas” e “pentecostais”	“Fenômeno religioso popular”, “seita”, “pentecostais”
Principais igrejas pentecostais citadas	Assembleia de Deus Congregação Cristã no Brasil Igreja Pentecostal de Nova Vida	Assembleia de Deus Congregação Cristã no Brasil Igreja do Evangelho Quadrangular Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo Igreja Pentecostal de Nova Vida
Autores	Agnelo Rossi, Aloísio Lorscheider, Bernardo Gaspar Haanappel, Boaventura Kloppenburg, LibérioBassetto, P.L. e SNF.	Abdalaziz de Moura, Boaventura Kloppenburg José Comblin.

Fonte: tabela produzida pelo autor.



A partir da tabela e das leituras realizadas evidenciamos algumas questões. Podemos perceber que a tônica dos discursos deixou de ser a do apologista que combate as “seitas heréticas”, dentre as quais se enquadram as “igrejas pentecostais”, e se desloca em direção à compreensão destes grupos a partir de postulados mais voltados para outras áreas do conhecimento (Sociologia, História, Ciências da Religião) que não a Teologia (dogmática e apologética).

Não descartamos ainda um fim de “compreensão do inimigo” nesta segunda conjuntura, afinal, trata-se de uma revista da imprensa prosélita católica de ampla repercussão ante o clero nacional. Todavia, isso é feito de forma que a alteridade, isto é, o discurso sobre o outro, é suavizada, e o pentecostal passa de “vilão” para o papel de “professor”, ou seja, aquele que pode ensinar um novo caminho para a “marcha do catolicismo” no Brasil, principalmente no que tange a atuação dos leigos na instituição e o intenso proselitismo, pontos tão destacados nas publicações.

Analisando as características conferidas aos pentecostais e suas comunidades, reconhecemos uma mudança, uma suavização no e do discurso. As terminologias utilizadas também reforçaram esta questão. Notou-se uma diminuição nos termos empregados e também uma alteração, dado que agora deixaram de criar estereótipos sobre o *outro* pentecostal, e passaram a reconhecê-lo como tal, apesar de ainda ser uma “seita”.

Devemos lembrar aqui também que representações incutem em ações, ou seja, a forma como os pentecostais são apresentados ao leitor católico contribuiu para a formação do imaginário católico sobre esse *outro*. Contribui para esta discussão o que asseverou Chartier (1991, p.176), ao pensar as sociedades e as relações e tensões que as constituem, que não existe “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”. E é a partir disso, ou seja, dessas representações legadas ao *outro*, na tentativa de dizer quem o *outro* é, que as ações de combate são empreendidas, inicialmente via discurso, mas não descartando outras formas de violência e intolerância, como podemos verificar no primeiro bloco de questões. Sendo assim, as representações justificam e impulsionam a tônica do discurso empregado.

Dentre as igrejas pentecostais, diversas foram citadas. A mais recorrente foi a Igreja Assembleia de Deus, seguida da Congregação Cristã no Brasil, o que sem dúvida se relaciona ao maior tempo de atuação no país e ao maior número de fiéis. No segundo contexto, vemos mais igrejas pentecostais sendo mencionadas, o que nos indica a fragmentação que se desenvolveu no campo pentecostal brasileiro na década de 1950, bem como sua expansão. São referidas a Igreja do Evangelho Quadrangular (ou Cruzada Nacional de Evangelização), a Igreja O Brasil Para Cristo e



a Igreja Pentecostal de Nova Vida. Além destas, de maior expressão nacional, outras igrejas pentecostais foram apresentadas nos discursos.

Por conseguinte, podemos aquilatar uma mudança no discurso católico entre os dois contextos como já ponderamos acima. Não obstante, os discursos evidenciam uma linha em comum, ambos reconhecem o esforço prosélito pessoal dos pentecostais como fator para o crescimento das igrejas pentecostais no Brasil, e passam a tomar estes grupos em consideração no momento de pensar suas ações pastorais. Assim, as transformações provocadas no campo religioso brasileiro pela atuação dos pentecostais também repercutiu de forma marcante nos discursos da Igreja Católica Apostólica Romana, por meio da Revista Eclesiástica Brasileira, entre os anos de 1941 e 1971.

Considerações finais

Durante nosso trabalho buscamos discutir e analisar os discursos católicos veiculados na *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB) entre os anos de 1941 e 1971 acerca do Pentecostalismo no Brasil, objetivando compreender qual a postura adotada por clérigos católicos diante destes *outros* que atuaram no país, no caso, os pentecostais.

Considerando sobre os discursos da REB, os classificamos em dois grupos, o primeiro entre 1941 e 1961, anterior ao Concílio Vaticano II, e o segundo, entre os anos de 1966 e 1971. Notamos que no primeiro instante, os discursos sobre o *outro* são marcados pelo “combate ao inimigo”, com um discurso ofensivo, agressivo e com um fim didático e apologético, ou seja, ao mesmo tempo que busca ensinar ao clero nacional, faz-se também uma defesa das pretensas verdades da fé católica. Já o segundo conjunto de veiculações assinala uma mudança nos discursos publicados. Com base no ecumenismo defendido pelo Concílio Vaticano II, os intelectuais que agora publicam, além de serem outros, somente Boaventura Kloppenburg permanece, a postura adotada por eles também é outra. Nesse novo contexto que se delineia, o comportamento é muito mais de compreensão e reconhecimento do *outro*, com um caráter didático que se volta para aprender sobre e com os pentecostais. Todavia, o caráter de um grupo sectário ainda mantém-se, marcadamente pobre e marginalizado, entre outras tantas características citadas pelos autores, já elencadas anteriormente.

Sendo assim, observamos que o crescimento “fantástico” das igrejas pentecostais no Brasil, principalmente a partir da década de 1950, preocupou o catolicismo brasileiro, o que se evidenciou nas mais de trinta publicações sobre o tema que buscaram alertar e informar os sacerdotes católicos e demais leitores da REB, bem como assegurar a posição da ICAR diante da sociedade brasileira,



por meio da apologética empreendida por alguns sacerdotes. E nesse sentido, diversas representações foram utilizadas com o intuito de desprestigiar as igrejas pentecostais no país. Contudo, outro discurso se apresentou a partir de 1966, com o objetivo de compreender o diferente, para que novas posturas fossem pensadas dentro da ICAR rumo à evangelização dos pobres e o acesso às camadas menos assistidas da sociedade.

Em vista disso, esse trabalho apresenta-se como uma contribuição para a compreensão das dinâmicas interreligiosas entre católicos e pentecostais no Brasil e apontamos para a necessidade de novos trabalhos que contemplem como que o discurso católico da REB se manifestou em relação a outras matrizes religiosas e também o contrário, quais são os discursos produzidos por pentecostais sobre o catolicismo romano.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Solange Ramos de. **O Catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)**. Maringá: Eduem, 2012.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org). **História Geral da Civilização Brasileira**. 4.ed. O Brasil Republicano. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007, Tomo III, Vol. 11.p. 337-421.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sérgio (Coord.). **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CABRAL, Bruna Marques. **“Do Clero e para todo o Clero”**: a Revista Eclesiástica Brasileira e a Reforma Agrária (1950-1964). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, p.173-191, 1991.

COMBLIN, José. Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 28, fasc. 01, p. 46-73, mar. 1968,

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994

GUEDES, Augusto Diehl. **“O Brasil vai para a heresia”**:os discursos católicos sobre o pentecostalismo na Revista Eclesiástica Brasileira (1941-1972). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2016.

HAANAPPEL, Bernardo Gaspar. A Glossolalia no Novo Testamento. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 05, fasc. 01, p. 51-66, mar. 1945.

HARTOG, François. Uma Retórica da Alteridade. In: _____. **O Espelho de Heródoto**: Ensaio sobre a representação do outro. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 243-289.



- KLOPPENBURG, Boaventura. O Fantástico Crescimento das Igrejas Pentecostais no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 26, fasc. 03, p. 653-656, set. 1966.
- KORNIS, Mônica; MONTALVÃO, Sérgio. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). In: ABREU, Alzira Alves de. et.al. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 1526-1534.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MOURA, Abdalaziz de. O Pentecostalismo como Fenômeno Religioso Popular no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 31, fasc. 01, p. 78-94, mar. 1971.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. O discurso religioso. In: _____. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996. p. 239-262.
- _____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. 3. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. p.268.
- P.L.. Salvemos o Brasil da Heresia. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 15, fasc. 02, p. 425-429, jun. 1955.
- REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. Abertura. Vol.1, fasc. 01, p. 01-03, mar. 1941.
- ROSSI, Agnelo. A Ação Católica e a opinião dos Protestantes no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 03, fasc. 01, p. 21-36, mar. 1943.
- _____. Catolicismo e Protestantismo nos Estados Unidos da América do Norte. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 01, fasc. 01, p. 230-232, mar. 1941.
- _____. O Pentecostismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 12, fasc. 04, p. 767-792, dez. 1952.
- _____. Por que Missões Protestantes na América Latina?. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 03, fasc. 01, p. 21-36, mar. 1943.
- SCHLENKER, Rodrigo. Breve História da Revista Eclesiástica Brasileira. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. 2011. **Anais do V Congresso Internacional de História**. Disponível em: [<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/244.pdf>] Acesso em: 05 maio 2016.
- SIEPIERSKI, Paulo D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.). **O Estudo das religiões: desafios contemporâneos**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 71-88.
- SNF. Movimentos Heterodoxos – Assembleia de Deus. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 21, fasc. 03, p. 688, set. 1961.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. Tendências católicas: perspectivas do cristianismo da libertação. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.26, p.121-140, 2009. Disponível em: [<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/1320/1056>]. Acesso em: 12 maio 2016.
- SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. **Ciberteologia**, São Paulo, ano 1, vol 2, p.01-34, 2005.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.